



A GÊNESE FILOSÓFICA DA IDEIA DE PHILOSOPHÍA EM ARISTÓTELES

Junior Lago*

Resumo: O filosofar se fez presente na Grécia, naturalmente muito tempo antes da Platão e Aristóteles. Ele consistia na atitude de examinar o mundo a sua volta para conhecê-lo era a atitude do sábio. No entanto, o espírito especulativo do homem foi lhe conduzindo por veredas mais complexas. No oriente a filosofia desenvolveu-se com um caráter mais operativo, e no ocidente, desenvolveram-se realidades mais intelectuais da sabedoria. A *sophía*, em suma, se originou da busca do espírito do homem pelo conhecimento. No entanto, a mesma ânsia que lhe resultou no encontro, lhe impeliu a algo mais. O conhecimento evoluiu. O discurso se tornou racional e a inteligência se situou de um novo modo diante das coisas, surgiu então a *theoría*. Assim, foram, aos poucos, se descobrindo, na Grécia, zonas de realidades diversas, levando em conta as peculiaridades próprias do saber e fazendo delas objetos de seus estudos. A *sophia* passou a ser o ‘gosto de saber’, ‘o saber pelo saber’, a *philosophía*. Aristóteles, nesse sentido, não buscava a filosofia. O que ele buscava era diferente do objeto de estudo propriamente dito dela e, por sua vez anterior a ela. Em termos posteriores, o filósofo buscava a *forma* sob a qual poça existir o saber filosófico com pleno rigor intelectual. Aristóteles, tentando dar uma estrutura racional ao saber filosófico, descobriu a filosofia primeira, e, a partir de então, descobriu a realidade enquanto tal.

Palavras-chave: *Sophía*. *Theoría*. *Philosophía*. Aristóteles.

Introdução

O presente estudo, sendo resultado de leituras feitas para a melhor compreensão, por parte do autor, de como pensava Aristóteles a filosofia, a partir de seu tempo, tem o caráter de pontuar uma análise da evolução, até o nobre estagirita, do que se entendia por filosofia. Seria possível discorrer em inúmeras laudas este trabalho, mas em consideração os limites de seu autor, ele servirá de iniciação à pesquisa correlata ao pensamento aristotélico. Fica nesse sentido, o convite para que outros ‘levem a diante a tocha que foi acesa’, contribuindo para o aprofundamento da reflexão aqui proposta.

O filosofar se fez presente na Grécia, naturalmente muito tempo antes da Platão e Aristóteles. Estudar a gênese desse ato na filosofia aristotélica requer, de quem se empenha,

* Acadêmico do VI semestre de filosofia da Faculdade Palotina. E-mail: lagojunior95@live.com.

um estudo da evolução do pensamento humano em conjunto com a conceitualização dados na história.

Em Heródoto (484 – 425 a. C.) este vocábulo (*philosophéin*) se apresenta numa passagem onde o escritor põe na boca do rei Creso estas palavras dirigidas a Sólon: “A notícia de tua sabedoria e de tuas viagens chegou até nós; e não ignoro absolutamente que, percorrendo tantos países, não tens outro fim senão o de instruir-te sobre suas leis, seus costumes e aperfeiçoar teus conhecimentos” (HERÓDOTO, 1952, p. 17).

Observem-se as peculiares características que o enunciador utiliza para tecer o elogio a Sólon: a tua sabedoria (*sophíe*), o gosto pelo saber (*hos philosophéon*), a atitude do sábio de percorrer para examinar (*theories héneken*), o instruir-se (*na anathései*) e o aperfeiçoamento (*teleíotes*). Esse elenco de termos é fundamental para a questão que ora se levanta, a gênese da ideia de *philosophía* em Aristóteles, pois daqui aparecem intimamente associados três termos que se procurará estudar: *sophía*, *theoría* e *philosophía* (ZUBIRI, 2010, p.133). O estudo será progressivo e procurará perpassar a evolução que o saber humano, a caráter desses três pontos, vivenciou.

Atualmente, ao se pedir para algum leigo no assunto sobre o que poderá significar o termo filosofia, muitas respostas são unânimes em dizer que é ‘o amor à sabedoria’, a ‘amizade pelo saber’, o ‘estudo das coisas das ideias’ e por assim seguem as respostas. Todas elas sendo, no fundo, válidas e refletindo a característica do saber filosófico, mas carecem de um aprofundamento teórico maior. Procurar-se-á observar que essa realidade já se fez presente num passado primitivo da sabedoria filosófica, onde o homem apenas tinha as intuições, reflexões e opiniões do que seria a realidade a sua volta, mas carecia da estruturação lógica e epistemológica do que pensava.

1 A *sophía* como princípio da especulação filosófica

O vocábulo *sophía* é tido como uma abstração do vocábulo *sophós*, que significaria ‘ser entendido de algo’¹. Esse ‘algo’ aqui descrito pode ser as coisas mais variadas, desde uma

¹ Ou seja, segundo o dicionário de grego de Isidro Pereira o adjetivo Σοφος significa: *hábil, destro, prudente, instruído, sábio, sutil, profundo, obscuro, engenhoso, astuto*; e o substantivo feminino Σοφία significa, por sua vez: *habilidade manual, conhecimento, saber, ciência, prudência, penetração, sagacidade, astúcia*. Ainda o termo Σοφισω teria o caráter operativo, significando: *fazer hábil, inteligente, obrar, conceber com sagacidade, ser sábio, prudente, conceber, obrar prudentemente, conceber obrar astutamente*.

habilidade manual, o governo de cidades, a arte em geral e até sobre o que é último no mundo e na vida.

Mas o essencial é que o substantivo *sophía* denota muito mais que o conteúdo a que se aplica, um atributo do *sophós* mesmo; *sophía* é uma **qualidade**, um **modo** de ser do homem, **o que faz** que ele seja um artífice, um artista ou um ‘sábio’. Há, pois, uma clara distinção entre a *sophía* como um modo que o homem tem de defrontar-se com as coisas, e a *sophía* enquanto qualificada pelas zonas diversas com que se defronta. Essas zonas podem ser, como dissemos, muito variadas; a que nos interessa especialmente para o nosso problema é a zona **das ultimidades** do mundo e da vida (ZUBIRI, 2010, p. 133-134, negrito nosso).

Já de antemão são feitas as delineações para esta parte do estudo focada na *sophía*, alvo das investigações que ora se iniciam. Aqui o homem parou para pensar o que fazia dele um bom homem.

Logo após este estalo de sua gênese, ela tomou dois rumos diferentes de interpretações, que se originaram de uma pequena inflexão por parte de seus pensadores e praticantes. “No Oriente a *sophía* acentuou, sobretudo o caráter operativo do saber. Na Grécia, em contrapartida, adotou matrizes cada vez mais sensivelmente intelectuais” (ZUBIRI, 2010, p. 134). Ao analisarem o fazer e desvendarem dele o saber fazer, os orientais aplicaram o ‘o que fazer com o saber fazer’, como ponto de partida para que o homem estivesse no mundo. Por sua vez, os estudiosos ocidentais partiram do enigma de ‘como saber o saber fazer’, ‘como o encontrar’, este seria o ponto de chegada da sabedoria.

Nasce aqui, segundo Zubiri, o saber oriental e o acidental. Um, tendo o homem descoberto o saber fazer, a sua sabedoria está em fazer bem e perfeitamente todas as ações. Desenvolvendo-se com um caráter mais operativo da sabedoria. E, o outro, por sua vez, se preocupando com o modo de ser daquele que sabe fazer. Desenvolvendo-se em realidades mais intelectuais.

Na Jônia, a *sophía* é o modo de ser não daquele que faz, mas daquele que sabe fazer, daquele que conhece como deve trabalhar ou governar, ou como se produzem os eventos dos deuses e do mundo. A *sophía* se foi associando cada vez mais ao **puro exame do mundo**, independentemente das ações humanas (ZUBIRI, 2010, p. 134, negrito nosso).

No exemplo do texto de Heródoto dado acima, a atitude de Sólon de percorrer muitos países ‘para examiná-los’ foi o que lhe conferiu o qualificativo de sábio, por parte do rei Creso. Ou seja, a atitude de examinar o mundo a sua volta para conhecê-lo é a atitude do

sábio. O reconhecimento de causa e efeito é a nível muito prático ainda. No entanto, o espírito especulativo do homem vai lhe conduzindo por veredas mais complexas.

Nesse período, a explicação, por exemplo, dos fenômenos naturais, pelo fato de não se ter muitas evidências, era creditado na ação divina sobre o mundo. Se estivesse chovendo, era por que algum deus estava fazendo chover. Esse deus, de algum modo, seria algo de supremo que o intelecto do homem ainda não compreendia, e, que por isso, tinha para com ele uma reverência. A sofística para esse fenômeno era de acordo com os conhecimentos que por ora tinham. Estritamente atrelados ao mundo.

Esse mesmo espírito que levou o homem a pensar a causa de fenômenos, levou-lhe a pensar na causa das causas dos fenômenos. Aqui já no mundo abstrato². Ou seja, ele passou, por exemplo, a desejar saber ‘como que deus fazia para fazer chover’. Para tanto, fez-se necessário à articulação racional de seus saberes. A criação da *sophía* como *theoría*.

A *sophía*, como *theoría*, foi a grande criação da Grécia, algo que afeta o modo mental de situar-se diante das coisas, mais que à zona de objetos sobre a qual recai. Essa *theoría* grega desenvolveu-se desde a simples consideração teórica dos jônios até a sua articulação racional em *epistème* (ZUBIRI, 2010, p. 134).

E assim o saber humano passa a se caracterizar de um estudo mais minucioso da realidade e de suas acepções.

2 A *theoría* como uma evolução racional necessária rumo à *philosophía*

Viu-se que a *sophía* se originou da busca do espírito do homem pelo conhecimento. No entanto, a mesma ânsia que lhe resultou no encontro, lhe impeliu a algo mais. O conhecimento evoluiu. O discurso se tornou racional e a inteligência se situou de um novo modo diante das coisas. A forma de se manifestar, verbal e escrita, também sofreu a evolução.

E ao mesmo passo desse desenvolvimento intelectual transcorre também o desenvolvimento de sua expressão literária: enquanto a *sophía* não passou de um simples exame do mundo em seu conjunto, algo muito próximo da sabedoria religiosa, espessou-se, como esta, em forma poética; quando começou a revestir o caráter de conhecimento racional, introduziu-se a prosa na filosofia (ZUBIRI, 2010, p. 134).

² Especulativo, por assim dizer.

Esse salto, de um modo para o outro, se dá quando o homem sabendo das coisas em e para o seu fazer com elas, pela *sophía*, vai à descoberta da verdade por si mesma, da causa, se vai à *theoría*. Ou seja, não almeja nada mais que o conhecimento dela mesma. Seria como que uma contemplação do próprio saber. Primeiramente, a vida do sábio era de forma participial, apenas justificando os anseios diretos e práticos; logo após com Sócrates ela passou a ser a qualidade, o hábito mental que deveria ser adotado e praticado: aqui surge a *bíos theoretikós*, a vida teorética.

A *sophia* passou a ser o ‘gosto de saber’, ‘o saber pelo saber’, a *philosophía*. Com efeito, a partir do momento em que se delineou a vida teorética e se definiram as características da atividade de contemplação que lhe corresponde, apresentaram-se igualmente, com suas características próprias, os outros tipos de vida: a vida em que predomina a *práxis* intersubjetiva ou a vida política (*bíos politikós*) ou a vida voltada ao fazer técnico (*poiésis*) (VAZ, 1992, p. 152).

2.1 A descoberta das zonas de realidade

Do elenco das vidas (*bíos theoretikós*, *politikós* e *poiésis*) foram, aos poucos, se descobrindo, na Grécia, zonas de realidades diversas, levando em conta as peculiaridades próprias do saber; o intelecto do homem foi perscrutando regiões do universo, cada vez mais insuspeitas, e fazendo delas objetos de seus estudos.

A princípio, o saber filosófico ocupou-se preferentemente dos *deuses*, e viu no mundo uma espécie de prolongamento genético deles. Junto aos deuses, os jônios descobrem a *Natureza* como algo próprio. Depois, Parmênides e Heráclito descobrem por sua vez nela essa misteriosa e sutil qualidade do ‘ser’, pela qual dizemos que esta *Natureza* é a realidade³. Os físicos sicilianos e atenienses encontraram a realidade da natureza na zona oculta de seus ‘*elementos*’. Com os pitagóricos, aparecem, junto à natureza, os *objetos matemáticos*, cuja realidade é diferente da dos seres naturais; a ideia de realidade sofre então uma modificação e uma ampliação essenciais (ZUBIRI, 2010, p. 134-135).

E, não só houve uma modificação e ampliação na ideia de realidade, mas houve, também, uma modificação na estrutura do saber filosófico enquanto forma de saber. A filosofia por seu conteúdo tornou-se diferente da filosofia em sua forma de saber.

³ Aqui o autor, no texto original, coloca uma nota dizendo: “a rigor, os jônios descobrem não a ideia de *Natureza*, mas a *Natureza* mesma; Parmênides descobre o ser, mais que à sua ideia” (ZUBIRI, 2010, p. 135). Tendo em mente o conhecimento sobre o termo *sophía*, próprio a estes.

Ou seja, aquele homem cuja vida procurava saber fazer algo, em sua acepção mais corriqueira, ou perito (*empeirós*), ou técnico (*teknítes*) e ou dirigente da vida humana (*phrónimós*), distingue-se do homem *sophói*, o homem *aletheúei*, que em sentido lato entende a realidade e descobre a sua verdade, respectivamente. A *sophía* passar a ser para o grego o modo supremo de descobrir e entender a realidade.

A *sophía* como atitude mental começou com os jônios sendo, como dissemos, o que vagamente se chamou de *theoría*, exame ou estudo da natureza por si mesma, um esforço dirigido à verdade pela verdade. Imediatamente depois, esse saber filosófico que é a *theoría* adotou em Parmênides e Heráclito a forma de uma espécie de *visão intelectual* do mundo, *noús*⁴. Depois, finalmente, em Atenas esta visão intelectual do mundo se desdobrou numa explicação racional dele, numa *epistéme*. A filosofia, pois, lançada no leito puramente intelectual, começou por ser simples *theoría*, depois *visão intelectual* das coisas e terminou sendo uma *ciência*. E, à medida que se foram iluminando novas zonas de realidade, foram-se criando novas formas de saber racional. [...] e com os sofistas a filosofia foi a *cultura* intelectual, a *paidéia* (ZUBIRI, 2010, p. 136).

Nesse sentido, em Platão e Aristóteles, tem-se uma multidão de ciências filosóficas da realidade. Mas ‘e qual dessas filosofias é que se preocupa em descobrir as demais?’ A resposta de Aristóteles poderia ser dada quando ele caracteriza a filosofia como *zetoumené epistéme*⁵, a ciência que se procura.

3 A ideia de *philosophia* em Aristóteles

Essa ideia de que a ‘ciência que se procura’, ainda é confusa. Pois, ela pode tanto aludir à primeira ou à segunda dimensão de filosofia: a do seu conteúdo ou ao tipo de saber que a constitui. Assim sendo, primeiramente é necessário suprimir a ideia de que o que se busca é o objeto próprio da filosofia, e, portanto, a existência desta⁶.

Aristóteles, nesse sentido, não busca a filosofia. O que ele busca é diferente do objeto de estudo propriamente dito dela e, por sua vez anterior a ela. Em termos posteriores, o filósofo busca a *forma* sob a qual possa existir o saber filosófico com pleno rigor intelectual. A

⁴ Este *noús* o autor chama, provisoriamente, de *mente*, e que para graduar a nova direção da sabedoria humana, ele mesmo propõe a tradução por *mente pensante*. Mas ele indica que tal pensar não se trata de um ‘pensar lógico’, mas antes de uma ‘apreensão’ da realidade. Nesse sentido essa mente pensante, por sua vez, tem presente diante dos ‘olhos’ todas as coisas, e o que apreende é algo radicalmente comum a tudo quanto há.

⁵ Ver em [Met., 983, a 21].

⁶ Aristóteles já dá por suposta a existência da filosofia, diante do fato de que seus antepassados se atermam em criar e terem criado, eficazmente, saberes filosóficos.

filosofia como *epistéme* e não a existência de toda e qualquer possível filosofia, é o que constitui o termo primário da busca aristotélica (ZUBIRI, 2010, p. 137).

Mas Aristóteles julga justificada sua preocupação diante da imensa variedade de zonas que a *epistéme* filosófica abarcava em seu tempo. Na verdade, o que se tinha eram muitas ciências filosóficas, nas quais a única coisa que lhes dava unidade era o adjetivo ‘filosóficas’. Mas o sentido desse adjetivo se fora tornando cada vez mais turvo e obscuro à medida que se fora enriquecendo seu conteúdo. Que há, pois, em todas essas ciências que justifique seu epíteto de filosóficas? No fundo, Aristóteles tenta fazer-nos ver que, entre tantas filosofias, o filosófico de todas elas, a filosofia, ocultava sua essência atrás da floração exuberante dos conhecimentos filosóficos (ZUBIRI, 2010, p. 137).

Essa essência seria, em suma, a descoberta de algo que seria uma filosofia de novo tipo, de tipo superior as existentes até o presente momento. Filosofia esta, que não seria um saber filosófico acerca de mais um objeto, de uma nova zona de realidade, mas, que por sua vez, seria a *filosofia de todo o saber filosófico* enquanto tal. Aos olhos de Hegel, Aristóteles quis elevar a filosofia na categoria de a ciência⁷. Em outras palavras, a ciência das coisas primeiras.

Igualmente, as demais ciências ‘filosóficas’ de seu tempo, em face da nova filosofia, Aristóteles as chamava de filosofias segundas, em face de que: “todas estas [filosofias segundas] serão mais necessárias que aquela [filosofia primeira], mas nenhuma lhe será superior” (ARISTÓTELES, 2002, p. 9).

Por conseguinte, uma vez que, desde Parmênides se tinha a impressão de que o saber filosófico era dirigido ao mais real da realidade. Mas esse ponto de vista não passou de um vago panorama intelectual, ou seja, foi uma intuição e não um conceito. Nesse sentido, a filosofia até Aristóteles, em suma, é mais uma progressiva descoberta de zonas de realidade, das mais variadas, do que, por excelência, a elaboração da ideia do saber propriamente filosófico (*philosophía*) enquanto forma de saber.

As muitas filosofias já haviam adotado essa forma de saber que se chamou *epistéme*: uma explicação racional da necessidade e da estrutura interna da realidade. aquela vaga intuição da realidade adotou a forma de saber científico. Mas o que quer que fosse a *epistéme*, era muito mais qualificado pelos conhecimentos que proporcionava do que pela forma mental que a constituía. Pois bem: Aristóteles, seguindo as pegadas de Platão, pretende que esse caráter científico afete também a estrutura mesma do filosófico enquanto filosófico. O filosófico de todas as ciências

⁷ Aqui se entenda a ciência como: o conhecimento exato e racional de uma coisa determinada; conhecimento que, em constante interrogação de seu método, suas origens e seus fins, obedece a princípios válidos e rigorosos, almejando esp. coerência interna e sistematicidade.

filosóficas deve ter, enquanto filosófico, caráter científico. Esse é o ponto de partida da busca aristotélica (ZUBIRI, 2010, p. 138).

No entanto, para Aristóteles, toda ciência deve ter um objeto real e princípios próprios. Portanto, a ciência das coisas primeiras deve se apoiar em algo real. Uma vez que, tal ciência deve ter o caráter de suprema, é preciso que essa busca por princípios se apoie em princípios apropriados a ela, os quais, se existirem, serão princípios não particulares, mas supremos, princípios dos princípios, princípios absolutos (*tà prôta*).

Para Platão, a filosofia abarcava a realidade toda, ou melhor, uma zona suprema de realidade. No entanto, Aristóteles visava um objeto que desse à filosofia primeira a capacidade de estudar a realidade enquanto tal⁸, diferentemente das filosofias segundas que estudam, cada uma a seu modo, os diferentes modos que as coisas tem de ser reais.

E aqui convergem os dois esforços da busca aristotélica: a filosofia propriamente dita só será possível como ciência se a realidade do real tiver uma estrutura captável pela razão, se tiver primeiros princípios, princípios não das coisas tais como são (*hos estín*), como pretendiam os físicos que especularam sobre os elementos, mas princípios da realidade enquanto tal (*ón hêi ón*). Dito em fórmula aristotélica: a realidade enquanto tal tem estrutura 'fundamental', e a filosofia como ciência consistirá na inquisição dessas primalidades do ser (ZIBIRI, 2010, p. 140).

Aristóteles, tentando dar uma estrutura racional ao saber filosófico, descobriu a filosofia primeira. E, a partir de então, desdobrando essa ideia, descobriu a realidade enquanto tal.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**: Volume II / Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2002.

_____. **Metafísica**: Volume II / Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2002.

_____. **Metafísica**: Volume III / Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo. Edições Loyola, 2002.

HERÓDOTO. **História**. Vol. 1º. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: Editora Brasileira Ltda, 1952. (Coleção Clássicos Jackson).

⁸ Aqui o real enquanto real implica do caráter filosófico enquanto filosófico.

PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego**. 5. ed. São Paulo: Editora Porto: Apostolado da Imprensa, s.d.

RUSS, Jacqueline. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. Vol. II. São Paulo: Loyola, 1992. (Coleção Filosofia; 22).

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Deus**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2010. (Coleção Filosofia Atual).